



IMPACTOS DO PÓS-ESTRUTURALISMO: AS TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE SUBALTERNIDADE

Lidiane Almeida Silva^{*1}, Itamar Pereira de Aguiar¹

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

* 2024m0188@uesb.edu.br

Trabalhos completos – GT 02- Etnia, Gênero e Diversidade Sexual

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar uma abordagem bibliográfica sobre os impactos do pós-estruturalismo e as travestis em situação de subalternidade, fazendo alusão e análise do filme “Meu amigo Claudia”, dirigido por Dácio Pinheiro. Na sua construção foram utilizadas obras de alguns autores que se debruçam em estudos nesta linha como: AGUIAR (2005), PERES (2006), DERRIDA (2010), LOURO (1989), KULICK (2008), GALVÃO (1990), BUTLER (2003), dentre outros que contribuíram compreender aspectos do pós-estruturalismo em uma sociedade estruturalista, no sentido de relativizar conceitos de verdade no processo de desconstrução de signo, significado e significante, no jogo, do sujeito enquanto ser no centro. A relação de poder ainda é visível no caminho de aceitação das travestis, são perceptíveis os embates políticos para aprovação de leis que garantam seus direitos, mediante estas lutas, foram alcançadas conquistas que, por sua vez, ainda precisam melhorar. O que aqui se apresenta, é a busca por direito e respeito das travestis em uma perspectiva, onde elas possam andar e desfrutar dos direitos de igualdade e expressão. O estudo realizado com a metodologia em pesquisa bibliográfica possibilitou fazer associação das travestis com a personagem filme, resultando em um material para embasamento dos estudos porvindouros.

Palavras chave: Pós-estruturalismo; Desconstrução; Travestis.

INTRODUÇÃO

Diante das discussões sobre o assunto da homossexualidade em particular das travestis, propor contribuição a este processo contínuo de desconstrução do pensamento, se faz preciso. Vivemos em uma sociedade como ficção política,

onde temos necessidades particulares e coletivas, porém as nossas necessidades oscilam a depender das contingências há de se entender que a subjetividade não é linear, se constitui por rupturas.

Neste sentido, a perspectiva pós-estruturalista, se dá no jogo constante de desconstrução, onde cada palavra está marcada por outra palavra, há sempre uma borradura entre o que se fala e o que se escreve. É diante desta borradura e ruptura que iremos caminhar, haja visto que, as travestis têm suas histórias marcadas por lutas, discriminações, rótulos e demais manifestações inteiramente preconceituosas. Inúmeras foram as tentativas dos movimentos LGBTQIAPN+¹ em busca da efetivação dos seus direitos, dentre eles o da dignidade de viverem livremente fazendo uso da opção e modo de viver escolhido, pois habitamos em uma sociedade que busca e prega muito por igualdade, porém na prática nada disso é respeitado, o preconceito é a marca registrada desta sociedade que não vive o que propaga.

No filme “Meu amigo Claudia”, um documentário foi possível perceber como a ativista, atriz, cantora e travesti Claudia Wonder, importante agitadora cultural da cidade de São Paulo, por meio de depoimentos em paralelo, ao narrar a história do país nos últimos anos, enfrentou o preconceito e foi discriminada. Diante de tantos rótulos direcionados as travestis, perguntamos: como reagir à tamanha desqualificação humana, se são seres humanos também? São pessoas que vivem situações conflitantes e desafiadoras a todo instante, na tentativa de serem vistas com respeito e igualdade.

Atualmente inúmeros discursos são encontrados sobre os direitos garantidos ao cidadão, principalmente em expressar sua opinião, ainda que seja censurado ou molestado, neste sentido se torna essencial o respeito em qualquer situação, pois somos seres distintos, mesmo diante de temas onde se defende e se afirma que somos iguais. Iguais? Até que ponto? A todo momento há uma repressão ou repúdio por expressar o que sentimos e acreditamos, ou simplesmente por sermos

¹ Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais.

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



quem de fato somos, nesta perspectiva faz-se necessário atentar-se para a diversidade. Vivemos em uma sociedade estruturada pela divisão e de classe por relações de poder. Portanto, os sentidos e significados não são os mesmos para todos, ainda que pareçam ser, pois, para os analistas do discurso, trata-se de dimensões do político presente em todas as línguas e linguagens.

Com isso, o pós-estruturalismo veio fortalecer as ideias de respeito, liberdade e alteridade, dentre outras. Neste sentido, as travestis vivem em situação de subalternidade, travam lutas em prol de mudanças das políticas públicas na direção da igualdade e do respeito.

AS TRAVESTIS E SUA TRAJETÓRIA

Em meados da década de 70, no século XX, surge no Brasil o Movimento Homossexual Brasileiro-MHB, visto como maneira de juntar as ações coletivas organizadas e institucionalizadas, onde percebe conflitos e ruptura dos limites sociais e políticos estabelecidos pela própria esfera pública. Com o aparecimento da AIDS, que se tornou uma epidemia lá pelos anos 90, aumenta a quantidade de grupos vinculados ao movimento homossexual, também surgem aí, às primeiras organizações em defesa dos direitos de travestis e transexuais. Durante este trajeto destaca-se o surgimento do primeiro grupo, o SOMOS, em São Paulo com finalidade políticas, regido pelo antiautoritaríssimo e comunitarista. Então, foram identificados 22 grupos em todo país em defesa e luta pela causa homossexual, no começo dos anos 80, localizados, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, a autora corrobora logo a seguir citada dizendo que:

O movimento homossexual tem seu surgimento no Brasil, registrado pela bibliografia sobre o tema, na segunda metade dos anos 1970. O termo movimento homossexual é aqui entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento (FACCHINI, 2003, p.84).

Entre os anos de 1983 e 1992, período marcado pela vigência do regime

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



democrático, onde foi substituído o modelo de gestão civil, militar e autoritário, por gestão exercida por cidadão eleito pelo sufrágio universal e com o surgimento da AIDS intitulada como “peste gay” e “câncer gay”, que resultou na diminuição da quantidade de grupos em todo país, passando de 22 para apenas 6, segundo as fontes consultadas. Percebe-se que o movimento até os tempos atuais, ainda luta contra a violência e discriminação aos homossexuais, pela união homo afetiva, pelo tratamento digno na mídia, por educação sexual nas escolas e contra a patologização de homossexuais. Estes movimentos acreditam na transformação da sociedade, de maneira a desconstruir a norma social centrada na heterossexualidade e na sexualidade exclusivamente reprodutora, relativa à opressão feminina, ao machismo e à predominância do capitalismo, vivemos em um sistema hierarquizante violento, neste sentido:

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um face a face, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia (DERRIDA, 2001, p.48).

“Meu amigo Claudia”, trata-se de um filme brasileiro em estilo de documentário dirigido por Dácio Pinheiro (2009), retratando a trajetória de uma travesti bastante conhecida na cena cultural dos anos 1980. Fazendo anais das travestis e do filme observa-se a constante luta para conseguir o lugar que de fato lhe era outorgado, mas, foi necessário lutar contra os preconceitos estabelecidos em uma sociedade machista com regras e valores estabelecidos por um padrão sócio, político e cultural preconceituoso.

O pós-estruturalismo produziu argumentos suficientes para romper com estes paradigmas e preconceitos impregnados na sociedade, onde a hipocrisia é visível, mas, por onde caminhar diante deste combate para requerer direitos? Triste realidade! Por isso, que o filme acima mencionado, representa um verdadeiro resgate da memória de uma das travestis considerada emblemática, Claudia Wonder, que como protagonista mostrou os preconceitos em uma perspectiva pós-estruturalista, mesmo vivendo a realidade de abandono, não

deixou de acreditar que era capaz de romper com as barreiras criadas pela sociedade, porque, era preciso embuti na mente das pessoas, a aceitação do outro enquanto liberdade de expressão e vida, observando o que (BUTLER, 2003, p.27)corrobora quando diz que “não há nada [...] que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea”. Acima de tudo ela foi uma agitadora cultural, conceituando suas performances, que eram sempre sinônimas de subversão política e social.

A REALIDADE ATUAL DAS TRAVESTIS

Sabendo da inversão de falas ditas pelos que oprimem, as pessoas que buscam ser vistas como normais, passam por diversas situações de indiferença, pontuamos que diante das mais diversificadas formas de buscar visibilidade, ainda se torna constante o descaso, preconceito e olhares de desprezo para com as travestis. Realmente ainda há muito por se fazer, além de conscientização e respeito aos direitos de cada ser humano. A luta por justiça e direito, tendo em vista que a justiça é imponderável, DERRIDA (2010) pontua que:

Aporia é um não-caminho. A justiça seria, deste ponto de vista, a experiência daquilo que não podemos experimentar [...]. Mas acredito que não há justiça sem essa experiência da aporia, por impossível que seja. A justiça é a experiência do impossível. Uma vontade, um desejo, uma exigência de justiça cuja estrutura não fosse uma experiência da aporia, não teria nenhuma chance de ser o que ela é, a saber, [...]. Cada vez que as coisas acontecem ou acontecem de modo adequado, cada vez que se aplica tranquilamente uma boa regra a um caso particular, a um exemplo corretamente subsumido, segundo um juízo determinante, o direito é respeitado, mas não podemos ter certeza de que a justiça o foi. O direito não é a justiça. O direito é o elemento do cálculo, é justo que haja um direito, mas a justiça é incalculável, ela exige que se calcule o incalculável; e as experiências tão improváveis quanto necessárias da justiça, isto é, momentos em que a decisão entre o justo e o injusto nunca é garantida por uma regra (DERRIDA, 2010, p. 30).

A justiça vem apoiada com o direito, com isso é importante salientar a necessidade de decidir entre o justo e o injusto, sem regra estabelecida, percebendo assim, a diferença entre o direito e a justiça.

Buscando informações de como vivem e qual a situação das travestis em

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



nosso país, o que se pode notar, realidade frustrante, entranhada por preconceito, violência e ódio contra pessoas consideradas gays, homossexuais que decidiram se travestir de mulher, que tem uma mente diferente, mas que também são homossexuais. Sendo assim, (BUTLER, 2003, p. 25) nos ajuda a refletir que: “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”, “[...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”. Com isso, o processo de sujeito e sentido se constitui ao mesmo tempo. Ao produzir sentido, o sujeito está se significando, não se pode definir o outro pela visão que a sociedade molda, este ser tem voz, autonomia para se identificar.

Frente a tudo que foi escrito antes, as travestis que fazem parte do Distrito Stela Câmara Dubois, também, enfrentam grandes preconceitos e, sem contar que, são vistas com muito desprezo. Vale pontuar que as mesmas atuam em uma área, às margens da BR 116, no Km 43, realizando programas, algumas frequentam casas de programa e bares nesta mesma localidade. Diante de tal situação nota-se que muitas vivem em situação de subalternidade, frente à realidade que enfrentam em diferentes sentidos, já que sua voz se torna silenciada, conflitante nesta sociedade que se mantém presa a uma visão de mundo estruturalista:

Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz aqueles que foram privados de voz. Mais que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas (PELUDIO, 2012, p. 399).

Neste sentido o que vale é a situação de poder, frente a essa realidade conflitante e assombrosa em pleno século XXI, na qual é a sociedade quem “dita” as regras a serem seguidas.

O SUBMUNDO DA PROSTITUIÇÃO DAS TRAVESTIS

Entender a relação das travestis com o universo da prostituição é percebê-

las como objeto de desejo, usando de muita ousadia, vendem o prazer em uma vida coberta de riscos. Dentre os fatores que as cercam, fato importante a ser considerado é a presença das drogas e violência na vida destas pessoas, então, se entende que inúmeros riscos são enfrentados por elas, além do descaso, muitas passam por desrespeito e até mesmo agressão física.

Todavia, muitos foram os desafios que elas necessitaram passar até assumirem ser travesti. Os paradigmas familiares, religiosos, culturais e sociais, se apresentam carregados dos preconceitos de uma sociedade completamente, estruturada e colonialisata. Para (BUTLER, 2003, p.25) "talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma". Assim sendo, salientamos que o filme "Meu Amigo Claudia" retrata em várias cenas este processo.

Mesmo diante de pesquisas, estudos que avançam e se debruçam na luta por conquistas de direito, ao respeito pelo outro, pensar sobre o contínuo processo de desconstrução do pensamento, é acreditar que não há verdade absoluta, mas, há sempre a borradura que nos faz repensar o real papel do ser enquanto reflexivo e reprodutor do conhecimento. Nesta via, cabe lembrar que estar no centro, não existe, ele apenas está em posição de margens e as margens em sentido ao centro, pois, o que esperar de uma sociedade que com fortes estereótipos, desqualifica tudo e a todos? De que forma vencer esta estruturação? Esta sociedade apresenta pensamentos e atitudes de hipocrisia, de puro poder pelo poder. Frente a isto, temos que buscar o processo desconstrutivo para encetar e produzir os paradigmas do pós-estruturalismo.

Ainda vivemos em uma sociedade castradora, estruturada por padrões os quais exigem e oprimem dos quais não se podem escapar, pois são admitidos como anormal. Isso é bastante claro na homossexualidade. Para muitas das travestis o preconceito será extinto, pode até mudar, dando respeito, mostrando o lado positivo, sonham com um dia em que aconteça a igualdade social. Foi assim que a atriz Claudia Wonder, protagonista do filme acima citado contestou a forma de poder da sociedade, buscando por liberdade e respeito por sua

opção sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalidade de abordar os impactos do pós-estruturalismo e as travestis em situação de subalternidade, este estudo possibilitou compreender de que maneira as mesmas são invisibilizadas, porém o filme "Meu amigo Claudio" norteou a forma de como é possível fazer para que suas vozes não sejam silenciadas, mas, atuem como eco de igualdade e direitos.

Diante dos pressupostos referenciados, foram discutidas a trajetória das travestis no contexto mostrado pelo filme acima citado, na possibilidade de como foram evidenciados os desafios encontrados na atual situação. As travestis por sua vez, vêm sendo vistas de maneira preconceituosa, elas têm que estar constantemente preparadas para as ações que bombardeiam suas escolhas, por apenas ser quem são. Mas, em relação ao contexto homossexual também há visão preconceituosa e estranhamento por parte da sociedade. Por isso que a desconstrução é uma técnica para descolonizar e, se faz necessário não desistir na busca pela igualdade de direito e respeito pela opção de cada um, mesmo não concordando, é preciso que se mantenha o respeito.

Concisamente, a vida é feita neste processo de destruição e de construção, torna-se necessário romper com o círculo virtuoso das análises óbvias. Por isso que constatamos a oscilação entre o conhecimento e a vida cotidiana, entre o espírito e o sentido. Este trabalho tem a intenção de colaborar com pesquisadores da área, visto que o material disponibiliza nas fontes, contribuirão com os estudiosos e suas pesquisas no campo de gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Renato. **Butler e a desconstrução do gênero.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005. <https://www.scielo.br/j/ref/a/c9SgKfQhGsFfZZqkGqBLqQh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23 de agosto de 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



DERRIDA, Jacques. **Força de Lei: o fundamento místico da autoridade**. Tradução: Leila Perrone-Moises – 2ª. Edição. São Paulo: Editora WMF Marins Fontes, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. Versão eletrônica, julho 2024.

FACCHINI, R. **O movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. Cad. AEL, v.10, n.18/19, p. 84-123, 2003.

GALVÃO, J. **AIDS no Brasil: A agenda de construção de uma epidemia**. São Paulo: ABIA e Editora 34, 2000.

KULICK, Don. **Travesti - prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LOURO, G. L. **Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher**. *Educação e Realidade*. Vol. 14(2), jul/dez 1989. <https://bibliotecadigital.ufrgs.br/handle/10183/278845?show=full>. Acesso em 23 de agosto de 2024

LOURO, G. L. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722>. Acesso em: 23 outubro 2024.

PELUDIO, Larissa. **Contemporânea - Dossiê Saberes Subalternos – Subalterno, quem cara pálida?** Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer, V. 2, p. 395-418, jul-dez 2012.

PERES, W. **Subjetividades das Travestis Brasileiras: Interfaces entre estigmas e construção da cidadania**. In Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos. Florianópolis: Santa Catarina, 2006. http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/W/Wiliam_Siqueira_Peres_16.pdf acesso em 20 de agosto de 2024.

PINHEIRO, Dácio. **Meu Amigo Claudia**. *Filme/documentário*, lançado no Frameline Film Festival. 2009.